



CASA DE BONECA NO PORÃO: O INANIMADO GANHA VIDA

Claudenice da Silva Souza
Livramento Fernanda de Lima Araújo

Universidade Federal de Campina Grande (clau909silva@gmail.com)

Universidade Federal de Campina Grande (livfernanda2@gmail.com)

O escritor paraibano André Ricardo Aguiar vem contribuindo bastante para a literatura. O conto Casa de boneca, publicado no livro *Fábulas portáteis* em 2016 pela editora Patuá, tem um título que nos remete ao universo mágico das brincadeiras de criança. A narrativa traz o mistério de um personagem chamado Hermes, que sabe da existência de uma casa de bonecas no porão de sua casa, fato que o intriga sobremaneira. Este trabalho tem por objetivo apresentar uma possível interpretação para a narrativa do autor paraibano com vistas a investigar e compreender as temáticas contemporâneas que tecem o conto a partir dos personagens presentes na narrativa, dos espaços que se tornam misteriosos ao longo desta e do curioso enredo no qual o inanimado ganha vida. Analisamos também os aspectos da narrativa que em muito contribuem para a interpretação e nos aprofundamos principalmente nos espaços que compõem esse conto. Para embasar a nossa leitura acerca da temática fundamentamo-nos em Bachelard (2008) e D'onofrio (1995), Gancho (2002) e Ferreira (2008).

Palavras-chave: Literatura contemporânea, André Ricardo Aguiar, Casa de boneca.

Palavras iniciais

Literatura é instigante por si só. A contemporaneidade dispõe de histórias fascinantes que prendem a atenção do leitor e propiciam o escândalo da dúvida, do suspense e da revelação na era da velocidade e das informações em massa. O conto é um dos gêneros que prende a atenção do leitor por ser uma narrativa mais curta que condensa espaço, personagens, tempo e enredo.

O autor paraibano André Ricardo Aguiar está incluso nessa leva de escritores do século XXI que nos traz em seus escritos histórias mirabolantes e envolventes que deixam o leitor com uma sede de continuidade como, por exemplo, o conto “Casa de boneca”, pertencente ao livro *Fábulas portáteis*, publicado pela editora Patuá em 2016, que é objeto de nosso estudo.

No conto, o personagem Hermes tem uma obsessão pelo porão de sua casa no qual há uma casa de boneca. O brinquedo é herança da bisavó e aparenta, inicialmente, ser como qualquer outro brinquedo. Mas, para Hermes, os bonecos

moradores da casinha em estilo vitoriano estão vivos. Esse enredo prende e instiga a nossa imaginação desde o começo pelo teor de mistério que perpassa a ótica do real/irreal.

Neste trabalho, apresentamos inicialmente algumas considerações acerca dos aspectos presentes no conto, tais como: personagens, enredo, discurso, tempo e espaço. Para tanto, as discussões de Gancho (2002) são fundamentais tendo em vista que ela trabalha com as partes da tipologia narrativa auxiliando-nos na compreensão das mesmas. Após isso, partimos para uma reflexão a respeito dos espaços presentes no conto analisado, isto é, o porão e a casa de boneca no tópico *Dentro da normalidade, a brecha: uma análise dos espaços do conto*. Nosso embasamento teórico é feito a partir do filósofo Bachelard (2008) e com algumas considerações realizadas por Ferreira (2013). O filósofo a partir de sua *Poética do espaço* desencadeia um estudo profundo sobre o significado dos espaços na literatura. Por fim, seguem as nossas considerações finais.

1. Alguns aspectos do conto

O conto de André Ricardo Aguiar é curto e tem pouquíssimos personagens, o bastante para o desenrolar de uma narrativa fascinantemente ficcional. Trataremos neste tópico de alguns de seus aspectos com o objetivo de explicar sobre a estrutura do mesmo e para que possamos estar um pouco mais familiarizados com o conto antes de irmos para uma reflexão mais aprofundada dos espaços presentes nele.

Nosso ponto de partida é Gancho (2002), pois ela defende a ideia de que o conto é uma narrativa tradicional e que foi adotado por diversos autores ao longo dos séculos, a exemplo de Cervantes e Voltaire. Hoje, sabemos que as pessoas buscam muito esse gênero e, de acordo com a autora, que ele adquiriu “características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo” (p. 8).

Dialogando com a explanação conceitual da autora, destacamos primordialmente que o conto de André Ricardo Aguiar tem um viés um tanto extraordinário que caminha definitivamente para o elemento fantástico, o que faz com que o gênero seja, nas mãos do paraibano, um recurso que deixa entrever um mundo literário ligado ao maravilhoso e ao ficcional.

A narrativa é em terceira pessoa, o que possibilita uma visão um pouco mais ampla das situações ocorridas no conto. Mesmo sendo em terceira pessoa, o narrador conhece os pensamentos das personagens e revela ao leitor vez ou

outra algo das consciências dos mesmos que nos faz compreender o desenrolar da narrativa.

O enredo chama atenção pelo teor de suspense estabelecido desde o início, no qual o narrador começa com a afirmação de que Hermes – que é o personagem principal – tenta não contar para ninguém. Desde dessa frase, ficamos presos à narrativa, pois ela nos incita a querer saber o que esse personagem tenta não revelar. Chamamos atenção para o verbo *tentar*, isto é, talvez o homem, atordoado, pensa em revelar o segredo a alguém, mas sabe que não é permitido, pois ele mesmo se impõe a obrigação de não desvendar o fato irreal que ocorre em seu porão.

Ele revela que há uma casa de bonecas no porão de sua residência que acreditava ser de sua bisavó. Há, nesse primeiro parágrafo, uma descrição detalhada do brinquedo. A descrição em muitas linhas, de certa forma, quebra um pouco o teor de suspense estabelecido no início com a informação de que “Hermes tenta não contar para ninguém” (AGUIAR, 2016, p. 27), pois dá a entender que é apenas um brinquedo como qualquer outro e não compreendemos enquanto lemos sobre os detalhes da casinha de boneca o que haveria de tão extraordinário nela para que o personagem a omitisse. O último período do parágrafo retoma a onda de mistério causada no início: “só que descobriu que não estava só” (AGUIAR, 2016, p. 27). Ficamos, portanto, intrigados com a companhia que ele poderia ter em um porão. É aí que se estabelece o conflito – para se utilizar da terminologia tradicional – da narrativa.

Via de regra, fazemos alguns comentários sobre a estrutura do conto. Não iremos adentrar muito porque o assunto principal em torno do qual gira a nossa análise será amplamente discutido no tópico seguinte. Por enquanto, dizemos que a introdução é aquele momento inicial em que o narrador descreve a casinha. A complicação se dá quando Hermes, ao deter um olhar minucioso para a casa, percebe que há lá uma pequena moradora “levemente ressonando”. Isso é o que torna o conto fantástico na medida em que apresenta um elemento que não condiz com a realidade conhecida pelos humanos. Objetos são inanimados e a partir do momento em que ele percebe o brinquedo ganhando vida se desenha – tanto para Hermes quanto para nós leitores – um universo distinto do nosso.

Não é fácil delimitar um clímax, nem é obrigado ou necessário, para uma narrativa contemporânea como a de André Ricardo Aguiar, pois há entraves e situações que nos deixam estupefatos, como, por exemplo, os dois momentos finais da história que parecem constituir ambos uma espécie do que a análise estrutural mais delimitada costuma chamar de clímax na tipologia narrativa – mais especificamente no conto. Tecnicamente, apenas um momento seria o clímax, mas no conto em questão nós percebemos esse

movimento quando Hermes vai ao porão e vê o homenzinho fazendo serviços no telhado e também no final quando ele vê e ouve as reclamações da mulher. Vale ressaltar que são cenas do cotidiano que ele presencia na casa de boneca. É também nesse sentido que a literatura contemporânea se revela para nós como inovação. Aquilo que tradicionalmente consistiria nesses elementos está diluído em ações ou poucas palavras que ficam a critério do leitor.

O que se esperaria como desfecho não parece se constituir como tal, pois o único fim que existe na narrativa é o narrador reproduzindo a fala da mulher que estava raivosa com um homem gigante que os visitava e que poderia um dia atrapalhá-los. Isso nos deixa com a sensação de incompletude, queremos continuar lendo para encontrar o fim que parece ter passado despercebido por nós ou não existir de fato. É essa a característica primordial do conto na contemporaneidade. Ficamos imaginando o personagem principal a olhar para a boneca/mulher e a partir disso não sabemos o que ocorre. Sentimos falta de uma continuidade. É essa a magia dos contos em nossa época, esse estilo que permite a nós imaginar e recriar o porvir conforme nosso entendimento e entrever aquilo que está lá.

Em relação aos personagens, além de Hermes, do qual o narrador fala desde o começo, há a presença de dois outros: o boneco e a boneca, moradores da casinha. Os três têm sua parcela de contribuição para a composição da narrativa. Ainda que sejam bonecos, o casal tem papel determinante nas ações que desenrolam a história e são, na verdade, o motivo pelo qual há o medo de Hermes. São, portanto, tão importantes quanto ele.

De acordo com Gancho (2002), personagens redondos são complexos e apresentam características peculiares. Portanto, nossa análise dá conta que os personagens desse conto possuem essa classificação, tendo em vista que Hermes aparenta perturbação, vê vida nos brinquedos – seres inanimados –, tenta reprimir o fato de saber da existência de vida neles, mas mesmo assim é dono de uma insistência em visitá-los constantemente, pois na narrativa podemos perceber que ele vai até lá espiar, mesmo que tenha medo. Suas características apontam mais para o psicológico, ou seja, “referem-se à personalidade e aos estados de espírito” (GANCHO, 2002, p. 18) dele.

Os brinquedos, por serem objetos inanimados que ganham vida no conto, também podem ser considerados como personagens redondos, pois a complexidade deles resulta no fato de que eles agem naturalmente, de acordo com Hermes, como humanos que desenvolvem ações rotineiras, como dormir, discutir, tricotar, consertar o telhado, barbear-se e ler o jornal, por exemplo, o que, tecnicamente, não poderia ocorrer já que como foi dito eles são bonecos. As características deles são mais percebidas em relação à

boneca, pois ela sabe que Hermes os conhece e se mostra irritada e indignada diante da situação, ou seja, as visitas constantes daquele homem “e que existia sim, dentro da normalidade, a brecha. E dentro da brecha, a mão gigantesca – como um terrível deus – de um destino vigilante, que um dia (e disse isso para o marido, tricotando mais rápido, iracunda) ia se meter onde não era chamada” (p. 29). Essa forma de perceber a presença de Hermes mostra uma faceta emocional da mulher/boneca, que sente apreensão e raiva, como se ele os atrapalhasse.

O tempo na narrativa é cronológico por apresentar uma passagem linear de acontecimentos. Lemos expressões como “numa noite...”, “uma semana depois...” e “no dia seguinte”, que demonstram que esses fatos ocorridos com Hermes se passaram em um curto espaço de tempo e que suas ações se deram em seguida, o que, de certa forma, revela a curiosidade e a vontade de entender aquilo, pois estava deslumbrado e receoso com a situação.

Em relação ao espaço, o próximo tópico tratará exatamente sobre isso de forma detida e aprofundada, pois o nosso foco de análise é tecer considerações acerca desse elemento no conto de André Ricardo Aguiar. Passemos, portanto, para algumas considerações acerca do narrador, que é em terceira pessoa e vai revelando as ações e também os pensamentos dos personagens. Ele utiliza o discurso indireto livre, “porque apresenta expressões típicas do personagem mas também a mediação do narrador” (GANCHO, 2002, p. 39) para revelar opiniões a respeito da casa, dos outros personagens e da situação na qual se passa a narrativa. Geralmente, essa forma de colocar as impressões é usada para transcrever pensamentos. Quando, por exemplo, Hermes, antes de dormir, desce ao porão para observar a casinha e seguindo a luz do abajur vê a mulher minúscula dormindo. Nesse momento, aparece entre parênteses a indagação “de plástico?”. Podemos imaginar o pobre Hermes estupefato com a situação e se perguntando se ela era realmente feita desse material. A pergunta é do próprio narrador revelando uma dúvida do protagonista. Os pensamentos de ambos se fundem em um só, constituindo, portanto, o discurso indireto livre.

2. Dentro da normalidade, a brecha: uma análise dos espaços do conto

Todas as narrativas precisam ocorrer em algum espaço. Dessa forma, esse elemento é essencial para a composição da tipologia narrativa. Em virtude disso, nos propusemos a analisar no conto de André Ricardo Aguiar os espaços

que lá existem e que determinam de certa forma os fatos que se desenvolvem. Nosso foco é a imagem da casa, e como não podemos falar sobre espaço e não evocar Bachelard (2008, p. 25, grifos do autor), ei-lo a seguir:

todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa. Veremos, no decorrer de nossa obra, como a imaginação trabalha nesse sentido quando o ser encontrou o menor abrigo: veremos a imaginação construir ‘paredes’ com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção – ou, inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.

O autor nos diz que qualquer lugar pode ser chamado de casa, contanto que seja habitado, isto é, o que torna a residência uma casa não é a sua construção e sim os humanos que lá vivem. O ser é quem transforma o espaço e o cria e recria a partir de sua percepção. Ou seja, sua imaginação possibilita o surgimento dessa moradia que lida com seus estados de espírito, seja de forma realista ou onírica. O autor enfatiza ainda duas questões que a mente cria: de um lado, a ilusão propiciada pelo sentimento de abrigo em lugares que racionalmente não servem para tal; de outro, a insegurança, mesmo que o lugar seja uma fortaleza intransponível, mas totalmente passível das sombras de seus próprios medos.

A casa é, portanto, primordial na vida de qualquer ser, porque ela é “o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo” (BACHELARD, 2008, p. 24). Afinal, necessitamos dela como abrigo e proteção. É lá que vivemos em família e passamos por situações, sejam elas boas ou ruins. É para lá que voltamos depois do trabalho e é lá que estão as nossas lembranças e a nossa identidade primeira.

Ferreira (2013, p. 35), ao estudar sobre as imagens bachelardianas, afirma que

A casa, primeiro universo do ser humano, é um objeto onírico de fundamental importância numa poética do espaço. Ontologicamente, a casa como um núcleo permanente e como um bem acompanha o ser humano ao longo de sua existência. E no silêncio e na solidão sempre se volta para um outrora que há muito passou, reencontrando a casa nas profundezas de sua alma sonhadora. A casa está nele, e ele está na casa de seu devaneio.

Ao levar em consideração as palavras da autora, vemos que Bachelard (2008) não poderia estudar o espaço sem mencionar e se aprofundar em uma temática como essa, tão inerente ao ser humano. De acordo com a autora, é para a casa que volta a pessoa solitária e reencontra dentro de si mesma sentimentos e lembranças há muito guardados.

Atrelado a isso, há a ideia, segundo Gancho (2002, p. 24), de que o ambiente acaba por ser “a projeção dos conflitos vividos pelos personagens” no sentido de que é nele que os obstáculos aparecem, se tornam concretos e a trama começa a ser existir e repercutir em cada um. O espaço contextualiza tudo que os personagens vivem.

A autora afirma ainda que uma das funções do ambiente é “fornecer índices para o andamento do enredo. É muito comum, nos romances policiais ou nas narrativas de suspense ou terror, certos aspectos do ambiente constituírem pistas para o desfecho que o leitor pode identificar numa leitura mais atenta” (2002, p. 25). Ou seja, a partir do ambiente, buscamos compreender o que ocorrerá na trama. Levando em consideração esse aspecto, pensamos no espaço do porão presente no conto do paraibano André Ricardo Aguiar. Por si só, ele já representa um ambiente escuro, empoeirado, úmido, no qual se guardam muitas tralhas e que está, na maioria das vezes, presente nas casas mais antigas. É, pois, um lugar com uma áurea que propicia ou instiga a imaginação de quem nele adentra. É válido mencionar que a casa de bonecas está nesse lugar, ou seja, mais um motivo que ocasiona uma espécie de temor, pois é um brinquedo, relíquia de um antepassado seu, em um estilo antigo e que está guardado – ou esquecido – no lugar mais remoto e sombrio da casa, o porão.

Complementando nossa reflexão, Bachelard (2008, p. 27-28, grifo nosso) explica que “logicamente, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas, e quando a casa se complica um pouco, quando tem um **porão** e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados”. É mister destacar que o narrador não fala a respeito de memórias vividas anteriormente por Hermes, mas nossa citação se justifica pela importância que o filósofo supracitado atribui à casa e às lembranças intrinsecamente ligadas a ela.

É nesse lugar de mistério que está localizado o objeto de perturbação de Hermes, é lá que ele visita com insistência a pequena casa a fim de comprovar se há ou não vida nos bonecos. Essa atitude do personagem nos remete à ideia de Bachelard (2008) de que “quanto ao porão, o habitante apaixonado cava-o cada vez mais, tornando ativa sua profundidade. O fato não basta, o devaneio trabalha. Com relação à terra cavada, os sonhos não têm limite” (p. 37). O retorno constante do protagonista ao porão nos parece o *cavar* citado no trecho acima, pois a cada visita Hermes comprova o seu temor, mas mesmo assim não deixa de visitá-lo. O devaneio mencionado pelo filósofo nos parece em certa medida a fixação do personagem pela casinha em estilo vitoriano e pelos inacreditáveis fatos que acontecem dentro dela, como se fosse o cenário de um mundo paralelo ao seu, mas real.

Os brinquedos ganhavam vida a cada visita. A cada vez que os olhava, percebia que eles estavam levando suas vidas como seres humanos, ou seja, estavam o tempo todo desempenhando tarefas, isto é, em movimento, como humanos em miniatura passíveis de sofrer e sorrir como todos nós.

Não podemos deixar de chamar atenção para o fato de que a casa de bonecas foi construída imitando o estilo vitoriano e que o teto é, na verdade, como se fosse uma tampa, feito provavelmente para a brincadeira ser facilitada e para que os bonecos sejam mais bem locomovidos pelas crianças de um cômodo a outro dentro da casinha.

Como afirma Bachelard (2008), “o minúsculo, porta estreita por excelência, abre um mundo. O pormenor de uma coisa pode ser o signo de um mundo novo, de um mundo que, como todos os mundos, contém os atributos da grandeza. A miniatura é uma das moradas da grandeza” (p 164). Ou seja, o teto da pequena casa herança da bisavó abre uma espécie de portal dimensional que se encaminha para a realidade dos bonecos e ao mesmo tempo se abre para o mundo de Hermes, na posição de observador, quase como um deus, como alega peremptoriamente a boneca. Há, portanto, dois pontos de vista distintos advindos de cada mundo. No mundo de Hermes, os bonecos são muito pequenos e causam certo amedrontamento. Para os bonecos, Hermes é que é gigante, ou seja, grande demais, ele é o anormal que está bagunçando a vida dos pequenos.

O narrador descreve uma cena totalmente cotidiana quando o personagem principal visitante do porão vai, certa noite, até lá e percebe que o abajur de plástico da casinha estava ligado. A mulher dormia – ressonava levemente – na cama de papelão e o homem barbeava-se no banheiro. A descrição dessa situação é justificável, pois “é preciso compreender que na miniatura os valores se condensam e se enriquecem. Não basta uma dialética platônica do grande e do pequeno para conhecer as virtudes dinâmicas da miniatura. **É preciso ultrapassar a lógica para viver o que há de grande no pequeno**” (BACHELARD, 2008, p. 159, grifo nosso). Isto é, o que se passa no mundo real é semelhante, de acordo com a visão do personagem, ao que ele vê na miniatura, são as mesmas coisas que os humanos praticam habitualmente e/ou trivialmente. Podemos afirmar que Hermes segue a defesa de Bachelard (2008) exposta acima, pois, de fato, ele ultrapassou a racionalidade para acreditar naquela improvável situação que se apresentava diante de seus olhos mais viva a cada visita.

Percebemos que há no conto o uso de termos – substantivos e adjetivos – que dão a ideia de objetos pequenos como, por exemplo, *diminuta* luz, móveis *liliputianos*, *minúscula* mulher, *homenzinho*, *escadinha*. Esses termos enfatizam

o tamanho dos elementos que compunham a casa e demonstram também a visão do protagonista em relação à miniatura.

Os valores se enriquecem tanto nessa miniatura da casa em estilo vitoriano que, na última visita contada pelo narrador, Hermes vê o homem lendo um jornal e a sua mulher está discutindo enfaticamente sobre a intromissão desse deus que os vigia. Na realidade, se algo do tipo ocorre é óbvio que as pessoas ficarão perturbadas e na miniatura, como vimos, os valores se condensam. Essa mulher afirma que há na normalidade uma brecha, um fato conflitante que pode tirá-los da paz em que vivem. Essa brecha corresponde ao teto de sua pequena casa, que o deus intruso levanta para lhes observar.

O cotidiano deles é abalado e ela se dá conta do quanto isso é incômodo. “Parecia falar, sem meias palavras, sem conter o fôlego, o mover de lábios, dizendo palavras duras” (AGUIAR, 2016, p. 29). Esse trecho mostra o quanto a cena era real aos olhos de Hermes e o quanto ele estava fixo nas expressões da boneca, como se analisasse cada movimento ainda meio descrente perante o que via. O conto termina com a descrição de que a mulher tricotava cada vez mais rápido e com raiva, o que denuncia aspectos totalmente humanos, comprovando a ideia de Bachelard (2008) sobre a condensação dos valores nas miniaturas.

Nossa reflexão dá conta de que o espaço da casa propriamente dita de Hermes não é mencionado, pois o foco dele está direcionado a um único cômodo da casa: o porão, que abriga a casinha de bonecas junto com seus conflitos e temores. Esse espaço é responsável pelas aflições do protagonista e em uma das visitas o narrador relata que Hermes vê o porão como se estivesse mais fundo. A noção de profundidade está ligada ao seu psicológico, ele por si só criou uma barreira mística em torno desse cômodo atribuindo-lhe uma áurea onírica, como ele mesmo diz. Aos seus olhos, a casa parece meio azulada como se fosse mágica ou se ele estivesse em um sonho. Essa sensação pode ser advinda das perturbações que o protagonista vem sofrendo desde que vê a herança da bisavó e toda a vida absurda que existe dentro dela. A paranoia diante da confusão criada pela situação pode ter raízes na insônia dele e nos remédios que ele toma para tentar dormir.

Imaginemos um estudante universitário sem dormir, até tarde da noite, que toma soníferos e visita um porão empoeirado que o faz ter crises asmáticas. Esse contexto é propício para uma espécie de alucinações. Importante é dizer que Hermes sempre fecha a porta do porão ao sair. Para que ninguém lá entre? Ou para que o homenzinho e sua mulher minúscula não saiam...? Ele tem medo de que eles falem com ele?



Palavras finais

O conto de André Ricardo Aguiar contribui para a literatura contemporânea de forma muito especial e encantadoramente fantástica. Quando criança, brincamos com nossas bonecas e bonecos acreditando que eles falam e vivem como nós. O mundo mágico infantil parece ser transmitido para esse conto do autor de maneira meio louca, por causa de uma série de motivos que Hermes deixa claro na narrativa: a insônia que o perturba e conseqüentemente os remédios tomados para dormir.

Sua solução é voltar para as aulas de lógica na faculdade. Não sabemos se ele volta ou não, mas sabemos que ele continua a olhar a casinha no porão. Ele, mesmo gostando e sentindo curiosidade pelo brinquedo, não cogita a possibilidade de tirá-lo do porão. Há um medo o assola, mas que mesmo assim o faz voltar até lá.

O espaço do porão é, portanto, o lugar de curiosidade de Hermes e é para lá que ele volta quando quer olhar novamente para o objeto de sua fascinação esquisita. As considerações de Bachelard (2008) acerca do tema muito nos auxiliaram a entender um pouco da temática. O espaço é quem ajuda a mente de Hermes a ver o que ele vê nos bonecos. O espaço – tanto do porão quanto da casinha – é o que causa o estranhamento e que faz com que leiamos o conto e fiquemos a imaginar esses bonecos a agir como seres humanos enquanto os olhos fixos, medrosos e curiosos de Hermes estão lá a transcender a realidade.

Referências bibliográficas

AGUIAR, André Ricardo. *Fábulas portáteis*. São Paulo: Patuá, 2016.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*; tradução de Antonio de Pádua Danesi. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2008. – (Coleção Tópicos)

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FERREIRA, Agripina Encarnacion Alvarez. *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos* [livro eletrônico] – Londrina: Eduel, 2013. 1 Livro digital.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2002.